

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

VIVIANE FERREIRA DA COSTA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE
CRIANÇAS DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Faculdade de Educação

Belo Horizonte - MG

2013

VIVIANE FERREIRA DA COSTA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE
CRIANÇAS DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como requisito básico para
conclusão do Curso de Pedagogia.

Orientadora: Profa.^a Dr.^a Valéria Barbosa de Resende

Belo Horizonte – MG
2013

VIVIANE FERREIRA DA COSTA

**DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE
CRIANÇAS DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Monografia apresentada como requisito básico
para conclusão do Curso de Pedagogia.

Orientadora: Profa.^a Dr.^a Valéria Barbosa de Resende

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Francisca Izabel Pereira Maciel
Faculdade de Educação / Universidade Federal de Minas Gerais

Belo Horizonte – MG
2013

Para
Mãe, Madrinha e família, nosso desafio e nossa vitória.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me conceder a oportunidade de estudar, a força para vivenciar tão árdua e bela experiência e pelas pessoas que encaminhou em meu auxílio.

À professora Dra. Valéria Barbosa de Resende, pelos ensinamentos e orientação.

À professora Dra. Francisca Izabel Pereira Maciel, pelas contribuições e sugestões pertinentes.

Às professoras Fátima e Sinara Saba, pela articulação, acolhida e interlocução relacionada à escola pesquisada.

À Débora Margot, pelo incentivo à escrita e apoio.

À Melina Maciel, pela contribuição e reavaliação do trabalho.

À minha família, que compreendeu os momentos de ausência devido aos estudos e me incentivaram a continuar.

Ao David Soares Silva Costa, pela parceria de incentivo, compreensão e carinho de sempre, mas principalmente para realização deste trabalho.

“O senhor... mire e veja o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não estão sempre iguais, não foram terminadas, mas que elas vão sempre mudando. É o que a vida me ensinou. Isso me alegra. Muitão.”

Guimarães Rosa

Resumo

A pesquisa apresenta como objetivo realizar um levantamento e análise das atividades diagnósticas da alfabetização, visando identificar os alunos do 3º ano do ensino fundamental da rede pública de ensino, que ainda não consolidaram as capacidades de leitura e escrita tendo referência a idade e nível de ensino, que são consideradas imprescindíveis para o processo de alfabetização e, por isso, são considerados alunos com dificuldades de aprendizagem. Trata-se de uma pesquisa documental, tendo como fonte as avaliações diagnósticas elaboradas e aplicadas pela professora da turma do 3º ano do 1º ciclo de uma escola da Rede Estadual, situada na Regional Leste, em Belo Horizonte. A turma era composta por vinte e quatro alunos, sendo seis indicados pela professora regente como alunos com alguma dificuldade na aprendizagem da leitura e escrita. Foi feita análise das avaliações diagnósticas de um aluno, considerando a frequência às aulas no ano letivo de 2013, foi usado como referência o eixo da análise linguística – apropriação do sistema alfabético. Através da análise observou-se que, no mês de março, o aluno identificava apenas letras e sílabas iniciais das palavras, no mês de agosto procurava analisar todos os sons que compõem as sílabas das palavras, mas apresentava muitas trocas, omissões, inserções e inversões de letras, dificultando a leitura das palavras, que persistiram no mês de setembro. Concluiu-se que 25% da turma analisada não estava alfabetizada, levando-nos a questionar se 8 anos é a “idade certa” para todos os alunos se alfabetizarem diante a diversidade escolar.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem, escrita, avaliação diagnóstica.

SUMÁRIO

1. Introdução	9
1.1 – Objetivo Geral	12
1.2 - Objetivos Específicos	12
2. Referencial Teórico	12
3. Metodologia	16
4. Análise dos Dados	17
4.1 – Análise das avaliações diagnóstica elaboradas pela professora	18
4.2 –Avaliações diagnósticas de Alberto	20
4.2.1 – Avaliação diagnóstica de Alberto no mês de março	20
4.2.2 – Avaliação diagnóstica de Alberto no mês de Agosto	21
4.2.3 – Avaliação diagnóstica de Alberto no mês de setembro	23
4.2.4 – Questionário	28
5. Considerações Finais	30
6. Referências	31

1. INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema referente às dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita surgiu no segundo período da graduação em Pedagogia, quando atuei como monitora nas oficinas do projeto nomeado PRONOTURNO. Nesse projeto, pude aprofundar sobre conceitos e práticas de alfabetização e letramento e desenvolver o gosto pela reflexão sobre as práticas e métodos de ensino.

Realizei também um trabalho sobre a atuação do/a pedagogo/a que envolveu um levantamento bibliográfico, além de entrevistas com profissionais que atuavam na área pedagógica em diferentes espaços. Assim, pude conhecer o trabalho pedagógico desenvolvido fora do espaço da sala de aula como, por exemplo, o trabalho do pedagogo social que atuava em abrigos, ONG'S, o Pedagogo Hospitalar que atendia às crianças, jovens e adultos em recuperação em hospitais e enfermarias e o Pedagogo com especialização em Psicopedagogia. Dentre as diversas áreas de atuação do pedagogo me interessei, particularmente, pelos atendimentos e intervenções realizadas junto aos alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem, sejam esses alunos diagnosticados com alguma deficiência ou não. Com esse trabalho, pude constatar que a proposta da inclusão escolar é desafiadora, pois busca garantir o atendimento educacional para todos e, para isso, as práticas pedagógicas precisam ser reorganizadas e ressignificadas.

Ao cursar a disciplina “Dificuldades de Ensino e Aprendizagem da Leitura e Escrita”, no sexto período, no segundo semestre de 2011, foi possível estudar e conhecer as diversas abordagens explicativas para o fracasso escolar, principalmente, àquelas voltadas para o processo de alfabetização, conforme apontadas por Gomes (2005) e Castanheira e Santiago (2004).

Na mesma época realizei o estágio obrigatório e pude acompanhar a prática pedagógica de uma professora regente que atuava no 2º ano do 1º ciclo em uma escola pública municipal de Belo Horizonte. Pude analisar as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita de um grupo de alunos que não conseguia acompanhar o ritmo da turma e realizei estudo de caso de um dos alunos, com idade de 9 anos. Este possuía um quadro clínico e era medicado devido às crises epiléticas, contudo, seu tratamento havia sido

interrompido, considerando às dificuldades para deslocamento de sua casa até o hospital, considerando a distância e a falta de recursos da mãe. O aluno faltava muito às aulas e se encontrava no nível pré-silábico de escrita. Foram indicadas com propostas de intervenção: em primeiro lugar, uma conversa com a mãe visando a continuidade do tratamento médico, em seguida, foram elaboradas e aplicadas atividades para desenvolver a consciência fonológica do aluno, com textos da cultura oral (parlendas, ditados populares, provérbios), destacando-se as rimas. Também foram realizadas atividades envolvendo o nome próprio, ao constatar que o aluno não sabia escrevê-lo, lançando mão do alfabeto móvel. O estudo realizado propiciou a discussão, juntamente com a professora da disciplina e os colegas sobre a elaboração de diagnósticos de leitura e escrita e intervenções pedagógicas para alunos com perfis variados de aprendizagem.

Com a intenção de aprofundar sobre o tema, em 2012, tive a oportunidade de participar do Curso de Extensão em Educação Especial, oferecido pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG), com foco nas pessoas com Transtorno Global do Desenvolvimento, Deficiência Intelectual e Dificuldades de Aprendizagem. O curso dialogava com o Núcleo de Apoio à Inclusão (NAI), com a participação de docentes que trabalhavam no Atendimento Educacional Especializado (AEE) e Prefeitura de Belo Horizonte (PBH), envolvendo profissionais de diversas áreas, como Pedagogia, Licenciaturas, Psicologia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional, possibilitando interações ricas e estudo de casos desafiadores. Através desta experiência foi possível conhecer um pouco da amplitude do campo das dificuldades de aprendizagem e sua característica multidisciplinar advinda da diversidade de profissionais que atuam diretamente e indiretamente nessa área.

Em meados de 2012 iniciei o trabalho de monitoria oferecendo suporte às turmas do sexto período do curso de Pedagogia que cursavam a disciplina Dificuldades de ensino e aprendizagem da leitura e escrita. No desenvolvimento do trabalho de monitoria tive a oportunidade de conhecer os questionamentos dos alunos do curso de Pedagogia sobre a temática, aprofundar a leitura dos textos e apresentar o estudo de caso desenvolvido no estágio. Além disso, fiz a opção pela Formação Complementar Aberta, com foco na Psicologia da Educação e cursei as seguintes disciplinas: Psicologia Cognitiva, Processos Psicológicos Básicos, Psicologia da Educação, Desenvolvimento da Infância à Juventude e

Psicologia do Desenvolvimento que muito contribuíram para compreender os processos de desenvolvimento da aprendizagem da criança.

Considerando a minha trajetória acadêmica, com foco na temática das dificuldades de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, vários questionamentos vieram à tona, motivando o desenvolvimento desta pesquisa. As principais questões levantadas foram: de que forma o professor identifica os alunos com dificuldades de aprendizagem no processo de apropriação da leitura e escrita? Quais as capacidades eles não dominam? E em que época da escolarização podemos afirmar que uma criança apresenta dificuldades de aprendizagem?

Considerando as políticas públicas voltadas para a avaliação diagnóstica da alfabetização, destacam-se a Provinha Brasil e a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA). A avaliação denominada Provinha Brasil é disponibilizada pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) desde 2008 para os estados e municípios com o objetivo de averiguar o nível de alfabetização dos alunos do 2º ano do ensino fundamental, tendo como foco as habilidades de leitura e as habilidades na área de Matemática. Nesta avaliação diagnóstica a base de comparação é o aluno com ele mesmo, ou seja, o aluno apenas supera os seus limites ou o que já havia adquirido de conhecimento, não tendo uma preocupação em promover hierarquias escolares. Desta maneira o professor poderá rever, esclarecer o conhecimento que foi dado, fazê-lo tomar consciência das suas dificuldades e corrigir os seus erros.

A Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA) é um dos desdobramentos do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, cujo objetivo é alfabetizar as crianças até o 3º ano do ensino fundamental das redes públicas municipais e estaduais, rurais e urbanas, instituindo, para isso, uma proposta de formação continuada para os professores alfabetizadores. No âmbito local encontramos o Projeto de Intervenção Pedagógica (PIP), desenvolvido no âmbito municipal e estadual.

Considerando os aspectos acima, a presente pesquisa pretende discutir sobre as dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita de crianças inseridas no 3º ano do ensino fundamental de uma escola pública. A questão norteadora do estudo foi a seguintes: Quais são as dificuldades de leitura e escrita apresentadas por esses alunos?

1.1 - Objetivo Geral:

- Conhecer quais são as dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita apresentadas pelas crianças do 3º ano do ensino fundamental da rede pública de ensino.

1.2 - Objetivos Específicos:

- Investigar e analisar as atividades diagnósticas de leitura e escrita realizadas pelo/a professor/a.
- Identificar os alunos com dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita, a partir dos resultados das avaliações diagnósticas aplicadas pelo/a professor/a;
- Realizar um levantamento das capacidades de leitura e escrita já consolidadas, ainda em desenvolvimento e aquelas ainda não desenvolvidas pelos alunos considerados como àqueles que possuem dificuldades de aprendizagem no 3º ano do ensino fundamental.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Com a entrada das classes populares nas escolas públicas brasileiras, o tema referente às dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita ganhou força entre pesquisadores e professores devido à preocupação com a diversidade social, cultural e dos diferentes modos de aprendizagem desses novos alunos que entravam no sistema de ensino. Considerando que antes da democratização da escola, a educação era algo restrito ao público das camadas privilegiadas que já dominavam os conhecimentos linguísticos e culturais valorizados pela instituição escolar.

Diferentes explicações sobre as dificuldades de aprendizagem foram elaboradas por áreas diversas. Dentre as explicações do fracasso escolar, destacam-se as seguintes abordagens: organicista, cognitivista, psicanalítica, handicap sociocultural e questionamento à escola. Cada uma dessas abordagens procuram enfatizar aspectos diferenciados dos processos de ensino e aprendizagem da leitura e escrita, que serão apresentados brevemente.

A abordagem organicista, elaborada a partir de um pensamento médico, nasceu no final do século XIX, na França e coincidiu com a entrada da classe trabalhadora na escola. O primeiro caso investigado foi descrito em 1896, tratava-se de um adolescente de 14 anos com dificuldades para aprender a ler e escrever, que fora diagnosticado como portador de “Cegueira Verbal Congênita”. Tal distúrbio foi considerado como uma patologia, em função de um suposto dano congênito, indicando possíveis transtornos neurológicos do aluno, tais diagnósticos consagraram o uso do termo “dislexia”.

Atualmente, os estudos neurolinguísticos entendem que dislexia não é uma doença e tampouco envolve problemas de visão, mas trata-se de uma dificuldade no módulo fonológico, que se dedica ao processamento dos diferentes elementos sonoros da linguagem. A dislexia envolve uma disfunção do sistema de linguagem, especificamente no nível do módulo fonológico, que é um dos níveis do sistema linguístico, os outros campos como o discurso, a sintaxe e a semântica não são afetados (SHAYWITZ, 2006).

A visão atualizada o conceito de dislexia nos possibilita revisar o rótulo imputado aos alunos considerados disléxicos, mostrando que é possível construir estratégias de intervenção visando o desenvolvimento da consciência fonológica.

A concepção cognitivista, ancorada na psicologia da educação ou psicologia escolar, levanta suas hipóteses considerando as capacidades cognoscitivas do indivíduo, assim procura fazer uma crítica à concepção organicista, trazendo outros elementos mediadores da aprendizagem explorados nas perspectivas psicométrica, psicogenética e sociointeracionista.

A perspectiva psicométrica pretendia medir as habilidades do aluno e verificar quem estava apto ou não para a alfabetização. Para isso, eram aplicados os famosos “testes de prontidão”, dentre os quais os mais conhecidos eram, certamente, o Teste ABC de Lourenço Filho e o Teste Metropolitano de Prontidão de Ana Maria Poppovic. As habilidades valorizadas nesses testes eram a memória auditiva e visual, a discriminação perceptiva (visual e auditiva) e coordenação motora. As principais atividades estavam relacionadas às ações da criança de memorizar e repetir palavras, além de traçar e recortar figuras geométricas. As crianças que não se saíam bem nos testes de prontidão eram consideradas imaturas e precisavam passar por um período de treinamento, que foi denominado de “período preparatório”. Uma das críticas a essa perspectiva diz respeito ao caráter neutro que eram

imputados aos testes, sem considerar as diferenças sociais e culturais dos alunos. Assim, a organização de turmas homogêneas a partir da aplicação dos referidos testes serviram apenas para rotular e segregar as crianças das classes menos favorecidas.

A perspectiva psicogenética tem como referência a autora Emília Ferreiro, em seu trabalho ela apresenta as hipóteses de escrita. Na fase pré-silábica, a criança já compreende que as palavras são grafadas com letras e não com desenhos, contudo, ainda não estabelece uma relação entre pauta sonora e escrita. Pode acontecer da criança associar o número de letras utilizadas ao tamanho do objeto que se quer representar. Na fase silábica a criança começa a ter consciência do número de letras que podem ser grafadas de acordo com a correspondência do som das sílabas das palavras e assim aprende que a escrita possui correspondência com a fala. A fase silábica-alfabética pode ser considerada como de transição entre a hipótese silábica e a hipótese alfabética, na grafia de algumas sílabas já distingue que para cada som pronunciado uma letra deve ser escrita, mas na grafia de outras sílabas ainda trabalha com a hipótese silábica, por exemplo, a palavra BONECA pode ser grafada como BO E A. A fase alfabética é quando a criança já associa uma letra para cada som enunciado, encontrando aqui dificuldades de ordem ortográfica.

A perspectiva sociointeracionista destaca a interação com o outro no desenvolvimento da aprendizagem, considerando o aprendiz como um sujeito que influencia e sofre influência do contexto cultural. É através da mediação (Vygotsky, 1989) que ocorrerá a aprendizagem do símbolo escrito e o significado dele na sociedade. “É fundamentalmente na interação com pessoas capazes de ajudar a criança a atribuir significado ao símbolo escrito – compreendendo o seu valor social – que a aprendizagem se realiza” (SCOZ, 2011, p.43).

A abordagem psicanalista focaliza os aspectos subjetivos e socioafetivos. Enquanto a concepção do Handicap Sociocultural toma como referência a carência cultural e linguística dos alunos e seus familiares.

Por fim, a concepção denominada questionamento à escola, coloca a responsabilidade do fracasso escolar no próprio sistema de ensino, sua estrutura e precariedade na formação dos professores (GRIFFO, 1996).

Após alguns anos e várias estudos realizados, pesquisadores da área perceberam que crianças que não possuíam nenhuma deficiência apresentavam dificuldades de aprendizagem

contínua na leitura e escrita e começaram a buscar novas explicações para este fator que prejudicava o desenvolvimento da aprendizagem em muitas crianças levando à consolidação da área de estudos das dificuldades de aprendizagem. Ao passar dos anos a abordagem médica cede lugar para outros estudos, que analisam os modelos educacionais e institucionais (SISTO, 2001).

As dificuldades de aprendizagem é um tema que vem sendo estudado por vários profissionais que estão em busca de compreender o baixo desempenho dos alunos diante às avaliações nacionais aplicadas para medir o nível de ensino aprendizagem, principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, objetivando melhorar o ensino público no Brasil.

“os problemas de aprendizagem não são restringíveis a nem a causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos / sociais e pedagógicos percebidos dentro das articulações sociais. Tanto quanto a análise, as ações sobre os problemas de aprendizagem devem inserir-se num movimento mais amplo de luta pela transformação da sociedade.” SCOZ (2011, p. 20).

As dificuldades de aprendizagem podem ser classificadas de duas formas segundo Sisto (2001), podem ser permanentes, quando apresentam características genéticas causadas por uma deficiência; ou transitória, quando aparece em um momento da vida escolar da criança. Esta última é considerada o objeto de estudos propriamente dito do campo das dificuldades de aprendizagem, mas ambas características constituem a heterogeneidade da temática.

Hoje em dia, poder-se ia definir que dificuldade de aprendizagem engloba um grupo heterogêneo de transtornos, manifestando-se por meio de atrasos ou dificuldades em leitura, escrita, soletração, cálculo, em crianças com inteligência potencialmente normal ou superior e sem deficiências visuais, auditivas, motoras, ou desvantagens culturais. Geralmente a dificuldade não ocorre em todas as áreas de uma só vez e pode estar relacionada a problemas de comunicação, adaptação sócia e problemas emocionais. SISTO (2001, p.193).

As dificuldades de aprendizagem é um tema que vem sendo estudado por vários profissionais que estão em busca de compreender o baixo desempenho dos alunos diante às avaliações nacionais aplicadas com a iniciativa de conhecer o nível do ensino e aprendizagem,

principalmente nos anos iniciais do ensino fundamental, objetivando melhorar o ensino público no Brasil.

Segundo Smith e Strick (2001), o termo dificuldades de aprendizagem não faz referência apenas a um problema de aprendizagem, mas um grupo variado de dificuldades que podem surgir afetando qualquer área do desempenho acadêmico. Elas também podem variar em gravidade, causa, frequência e consequência, além da característica de passar despercebida diante os professores e alunos. O que pode ser evidenciado como uma característica comum das dificuldades de aprendizagem é seu caráter de baixo desempenho.

3. METODOLOGIA

A pesquisa apresenta como objetivo realizar um levantamento e análise das atividades diagnósticas da alfabetização, visando identificar os alunos do 3º ano do ensino fundamental da rede pública de ensino, que ainda não consolidaram certas capacidades de leitura e escrita, que são consideradas imprescindíveis para o processo de alfabetização e, por isso, são considerados alunos com dificuldades de aprendizagem.

Para alcançar esse objetivo, elencamos os seguintes procedimentos:

1. Seleção de uma escola e uma turma em que o professor trabalhe com a avaliação diagnóstica, como elemento norteador de seu planejamento e na elaboração de intervenções pedagógicas.
2. Análise da avaliação diagnóstica, considerando as capacidades da alfabetização descritas no caderno 2 da Coleção Instrumentos da Alfabetização (BATISTA, 2005) e dos Direitos de Aprendizagem (MEC, 2012).
3. Análise das avaliações dos alunos com dificuldades de aprendizagem, descrevendo as capacidades de alfabetização já consolidadas, as capacidades em desenvolvimento e as capacidades ainda não desenvolvidas.

Considerando a natureza do objeto da pesquisa, optamos pela pesquisa documental, como o próprio nome diz, envolve a análise de documentos, que possam ser usados como

fonte de informação e que podem ser consultados várias vezes, além de permitir uma análise longitudinal.

Nesta pesquisa vamos utilizar como fonte de pesquisa as avaliações diagnósticas elaboradas e aplicadas pela professora da turma do 3º ano do 1º ciclo de uma escola da Rede Estadual, situada na Regional Leste, no bairro denominado Instituto Agrônômico.

Foram analisadas três atividades diagnósticas aplicadas nos meses de março, agosto e setembro de 2013 de um aluno considerado como portador de dificuldade de aprendizagem, que recebeu o nome fictício de Alberto. A seleção do aluno Alberto foi feita considerando que trata-se de um aluno frequente e, portanto, realizou todas as avaliações diagnósticas proposta pela professora em 2013.

A instituição de ensino pesquisada atende a comunidade oferecendo o Primeiro Ciclo do Ensino Fundamental no turno da tarde e Segundo Ciclo no período da manhã. Oferece o Projeto Tempo Integral na parte da manhã, onde os alunos recebem acompanhamento pedagógico de matemática, português e fazem o para casa. A proposta do PIP (Programa de Intervenção Pedagógica) está presente na escola, porém com a falta de profissionais para cumprir a carga horária das aulas diárias, a professora designada para atender a demanda do PIP fica à disposição para suprir a falta dos profissionais nas aulas diárias.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Antes da apresentação da análise das avaliações diagnósticas do aluno Alberto, vamos apresentar brevemente o perfil da turma, principalmente dos alunos com dificuldades de aprendizagem. Em seguida, vamos refletir sobre os eixos e direitos de aprendizagem priorizados nas avaliações diagnósticas elaboradas pela professora da turma em 2013.

A turma era composta por vinte e quatro alunos, sendo seis indicados pela professora regente, como alunos com alguma dificuldade na aprendizagem da leitura e escrita, ou seja, ainda não dominavam a escrita alfabética, além disso, apresentavam baixo rendimento nas avaliações externas, com dificuldades para compreender os enunciados e deixavam muitas questões das avaliações sem respostas. Também eram considerados fortes candidatos à retenção. Um aluno era infrequente, com histórico familiar conflituoso, com vários registros

no Conselho Tutelar da regional. Quatro alunos frequentaram a escola pesquisada desde o primeiro ano do 1º ciclo, e os outros dois alunos vieram de outras escolas da rede municipal de Belo Horizonte, dentre eles, Alberto. Um aluno apresentou diagnóstico clínico relacionado à deficiência motora, o que dificultava seu desenvolvimento pleno da escrita. Nenhum aluno realizava acompanhamento psicológico e na escola não havia profissionais disponíveis para um atendimento mais individualizado.

Apenas um dos alunos com dificuldades de aprendizagem participava do Projeto Tempo Integral. Segundo depoimento da professora da turma, os pais resistem em deixar o filho participar do projeto devido ao tempo que a criança permanece na escola. Na sala de aula, a professora trabalhava com as seguintes estratégias: a ajuda e/ou “monitoria” realizada por um colega de classe e mudança da disposição física das carteiras dos alunos que apresentavam dificuldades de aprendizagem situando-os próximo ao quadro negro e, conseqüentemente, à professora. Frequentemente eram realizadas atividades com a proposta de diagnosticar todos alunos com o objetivo de apurar os avanços e as dificuldades, visando a definição de estratégias de intervenção.

A seguir vamos analisar as avaliações diagnósticas elaboradas e aplicadas pela professora nos meses de março, agosto e setembro, considerando as capacidades que foram privilegiadas, tendo como referencia o documento elaborado pelo Ministério da Educação (MEC) que tem como título “Elementos Conceituais e Metodológicos para Definição dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento do ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º Anos) do Ensino Fundamental” de dezembro/2012. Trata-se de um documento que serve como base para a elaboração das avaliações externas, como a “Provinha Brasil” e a “Avaliação Nacional da Alfabetização” (ANA), justificando a nossa opção por tomá-lo como referência.

4.1 – Análise das avaliações diagnósticas elaboradas pela professora

A partir da análise das três avaliações diagnósticas elaboradas pela professora, nos meses de março, agosto e setembro, concluímos que a ênfase recaiu sobre as atividades de ditado de palavras e frases. Essas atividades abordam basicamente os seguintes eixos estruturantes e objetivos de aprendizagem:

- **Eixo Estruturante “Análise Linguística”- Apropriação do Sistema de Escrita**

Alfabética

- Ler, ajustando a pauta sonora ao escrito;
 - Dominar as correspondências entre letras ou grupos de letras e seu valor sonoro, de modo a ler palavras e textos.
 - Dominar as correspondências entre letras ou grupos de letras e seu valor sonoro, de modo a escrever palavras e textos.
-
- **Eixo Estruturante “Análise Linguística – Discursividade, Textualidade e Normatividade**
 - Conhecer e fazer uso da grafia convencional das palavras com correspondência regulares diretas entre letras e fonemas (P, B, T, D, F, V).
 - Conhecer e fazer uso da grafia convencional das palavras com correspondências regulares contextuais entre letras ou grupos de letras e seu valor sonoro (C/QU; G/GU; R/RR; SA/SO/SU em início de palavra; JA/JO/JU; Z inicial; O ou U/E ou I em sílaba final; M e N nasalizando final de sílaba; NH; ã e ão em final de substantivos e adjetivos).
 - Conhecer e fazer uso da grafia convencional das palavras com correspondência irregular, de uso frequente.
 - Segmentar palavras em textos.

Apesar da relevância dos objetivos priorizados pela professora, que focalizam o domínio do sistema notacional, estes não são suficientes para considerar a criança alfabetizada. Segundo o documento sobre os Diretos de Aprendizagem do ciclo de alfabetização (MEC, 2012), “não se considera alfabetizado o aluno que apenas domina o sistema de escrita alfabética” (p. 58). Assim, é preciso considerar, além do eixo da Análise Linguística, os seguintes eixos: Oralidade, Leitura, Produção de textos escritos.

Com relação à oralidade, pretende-se desenvolver nos alunos a modalidade oral em situações significativas, o documento destaca as seguintes dimensões: “a valorização dos textos de tradição oral; a oralização do texto escrito; as relações entre fala e escrita; a produção e compreensão de gêneros orais; as relações entre oralidade e análise linguística” (p.43). Outro eixo que é pouco evidenciado nas práticas de alfabetização é o da leitura. A

dimensão discursiva da leitura pretende discutir sobre o contexto da produção de sentidos e a formação do leitor crítico. Com relação à dimensão do desenvolvimento de estratégias cognitivas, destacam-se as habilidades de antecipar sentidos, construção de hipóteses e elaboração de inferências. A dimensão da análise linguística também é contemplada no eixo da “Análise linguística: discursividade, textualidade e normatividade”. O eixo da Produção de Textos Escritos chama atenção para a dimensão da autoria e das condições de produção textual, além de apresentar as estratégias de planejar, produzir e revisar os textos.

4.2 – Análise das avaliações diagnósticas de Alberto

Alberto é um aluno que apresenta baixo desempenho nas avaliações diagnósticas aplicadas pela professora, como também nas avaliações externas. O aluno não apresenta nenhum diagnóstico clínico, não participa do projeto de intervenção e ingressou na escola pesquisada neste ano.

4.2.1 - Avaliação diagnóstica de Alberto no mês de março:

1. Alato e	9. março / Placido
2. Amarela	10. julho / rest
3. Emarela	11. maio / 20
4. Lito	12. abril
5. 011	13. erro
6. cadinho	14. texto
7. 12/2000	15. 2000
8. Zona	16. 2000

Análise:

Palavra ditada	Escrita do aluno	Palavra ditada	Escrita do aluno
Rato	Rato	Macaco	Nacaco
Mar	Mareha	cruzeiro	Guzelho
Mamão	Mancha	atlético	Aolho
cinto	Sito	Brasil	Uuer
Anjo	Oer	Escola	Ecov
Caderno	Cadinho	reunião	Edco
Professora	Pfenen	pássaro	Pasil
Cobra	Cone	Palhaço	Pale

Observa-se na escrita de Alberto omissões, trocas e inserções de letras, configurando-se dificuldades no âmbito do processamento fonológico. Em algumas palavras a criança já identifica a sílaba inicial (caderno, mamão, mar, cobra, pássaro, palhaço, laço) em outras a letra inicial (professora, atlético).

Com relação ao eixo estruturante “Análise Linguística – Apropriação do Sistema Alfabético”, Alberto já consolidou os seguintes objetivos de aprendizagem: escreve o nome, diferencia letras e número; compreender que palavras diferentes compartilham certas letras; percebe que palavras diferentes variam quanto ao número, repertório e ordem de letras; percebe que as vogais estão presentes em todas as sílabas.

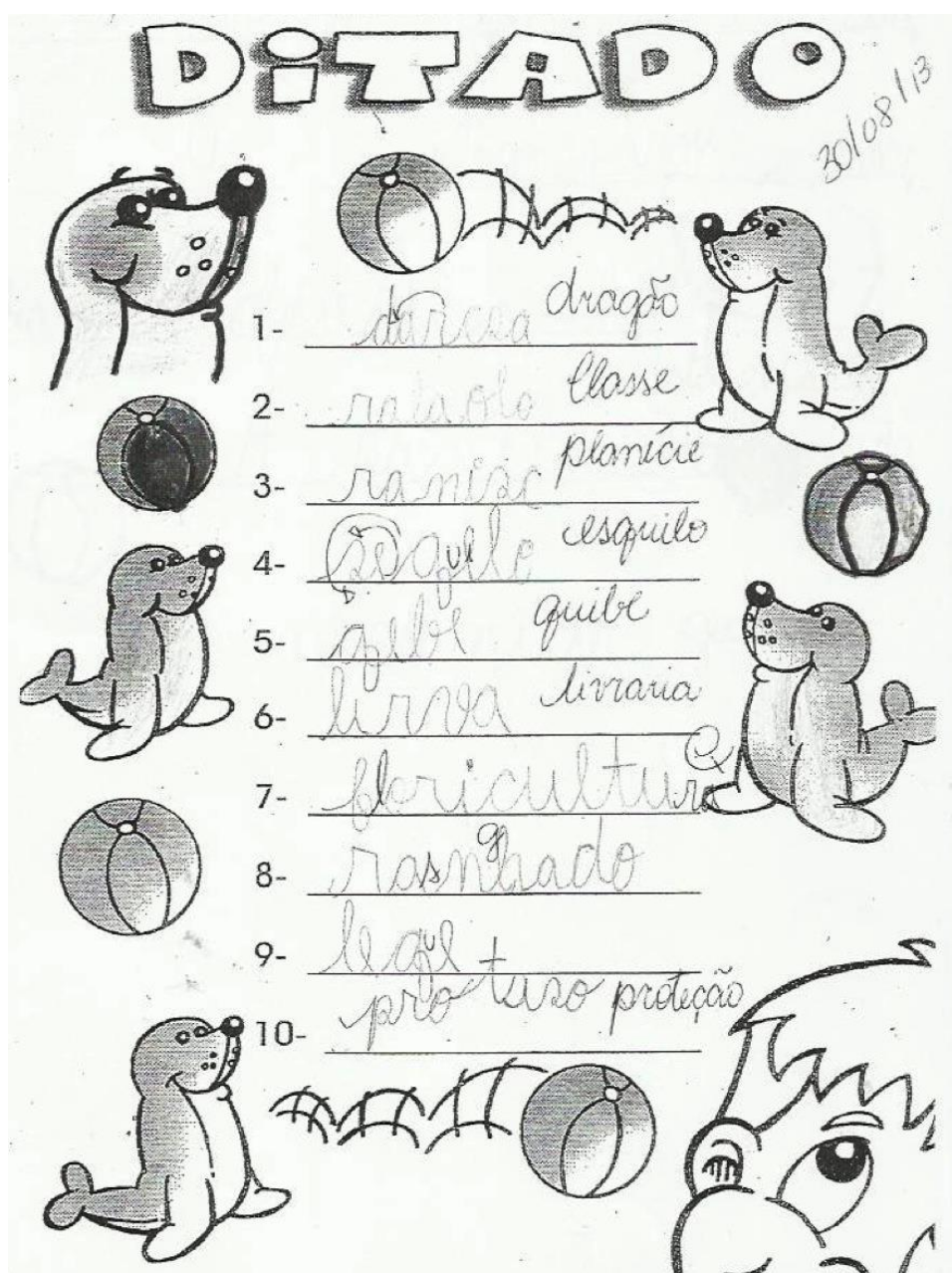
Ainda precisa consolidar a correspondência entre letras ou grupos de letras e seu valor sonoro, de modo a ler e escrever palavras e textos.

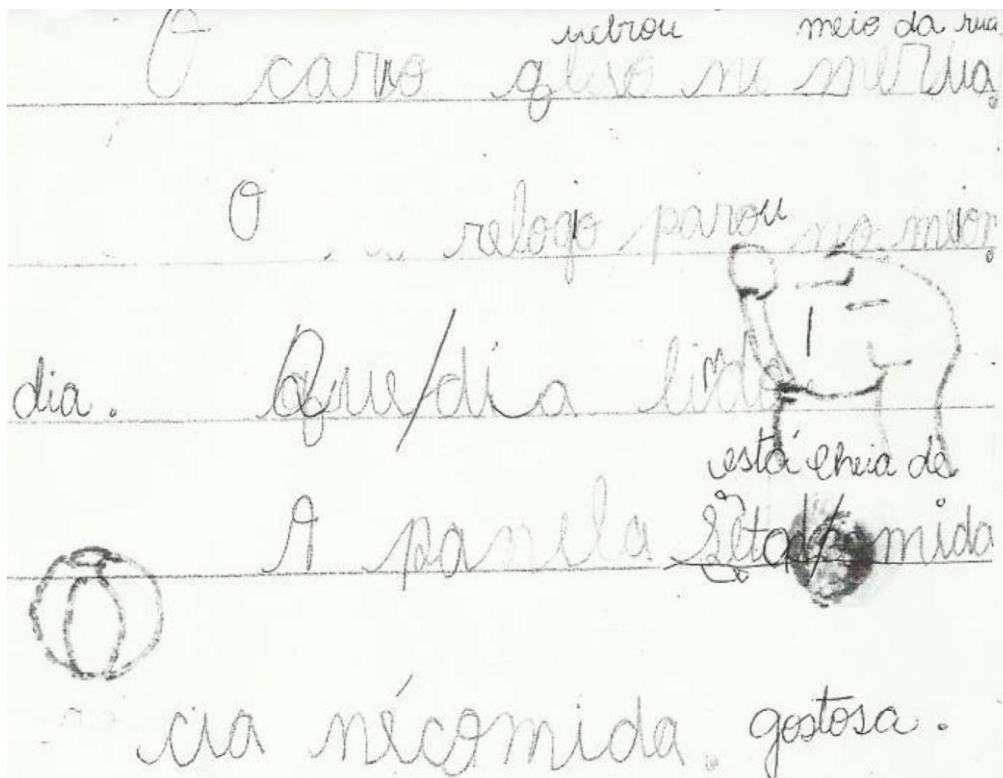
4.2.2 - Avaliação diagnóstica de Alberto no mês de agosto

Após análise da produção escrita de palavras e frases, no mês de agosto, observa-se um avanço na hipótese de escrita de Alberto, demonstrando que se encontra na hipótese

alfabética quando produz a escrita das seguintes palavras: quibe (qebe), floricultura (floricultura), leqe (leque). Na palavra esquilo há uma inversão de letras na primeira sílaba (**SE**QUELO), esse tipo de inversão aparece também na escrita da palavra “está” (**SE**TA). Ainda observa-se omissões de letras (lirva – livraria). Ainda não consolidou o emprego do QU, R/RR (caro/carro), M/N nasalizando final de sílaba (lido/lindo). Na escrita das frases identifica-se a falta de segmentação de palavras: merua (meio da rua), Quedia (Que dia), nécomida (de comida).

Atividade do dia 30 / Agosto/ 2013:





4.2.3 - Avaliação diagnóstica de Alberto no mês de setembro:

No dia 09/09/2013 foi realizado ditado de palavras e frases. Observa-se a troca das letras g/z na escrita das palavras: razão (ragna), riqueza (riqga), bezerro (begeo). Em outras palavras, Alberto acrescenta uma vogal no final da sílaba: luz (luzi), veloz (veloz) feliz (felisi), modificando a composição da sílaba – de sílaba complexa para sílaba canônica. Na escrita de palavras permanece a falta de segmentação – a zebra quebrou o pé (azaraqua), na fazenda tem (nafazedaten) e hiposegmentação na palavra azedo (a zedo).

No dia 24/09/2013 foi novamente aplicado ditado de palavras e frases. Nota-se um ligeiro avanço na identificação dos grafemas e fonemas, mas persistem as inversões de letras na palavra esmalte (**SEMALTE**), inserções de letras nas seguintes palavras: palmeira (patilmera) e calça (calusa), acelga (alselha). Trocas J/G – jornal (golnau), João (goeu). Na escrita de frases permanece a falta de segmentação: A abelha fez mel (a abelha fezemel),

João, o automóvel quebrou? (gou o tonolequere?), Eu gosto de bacalhau no almoço!
(elgoso do a noso).

Atividade do dia 09/ Setembro / 2013:

PROFESSORA:

09/09/13

- | | |
|---|--|
| 1) d'zenov | 2) bazar |
| 3) ra ³⁶⁰ gha | 4) q ^m b ^m zda |
| 5) cu ^{ru} z ^o lho | 6) luzi |
| 7) p ^a o ^o za | 8) v ^o loz |
| 9) co ⁿ z ^o zha | 10) b ^e l ^e za |
| 11) to ^r no ^z lo | 12) rug ^{que} ga |
| 13) a ⁿ v ^o sita ^z | 14) b ^z ro ^z |
| 15) ro ^z o ^z | 16) fl ^z isi ^{feliz} |
| 17) tim ^z idel | 18) a ^{zia} z ^o inha |
| 19) za ^{e tra} ra da | 20) a ^{edo} |

- A zebra quebra o pé.
- 1) a^oz^oaragua^o e^o pé.
- 2) o^olha^oo^o l a z^oido.
- 3) Na^o ba^oz^oda tem boi^o, galinha^o
e o^o g^ool^o
loelho!

Análise:

Palavras ditadas:	Escrita do aluno:	Palavras ditadas:	Escrita do aluno:
DEZENOVE	DZENOVE	BAZAR	BAZAR
RAZÃO	RAGHA	FAZENDA	FAZEDA
CRUZEIRO	CRUZERHO	LUZ	LUZI
PROEZA	POREZA	VELOZ	VELOZE
COZINHA	COZIHA	BELEZA	BELEZA
TORNOZELO	TORNOZEO	RIQUEZA	RIQGA
AVESTRUZ	AVESITUZ	BEZERRO	BEGEO
RODÍZIO	RODÍZO	FELIZ	FELISI
TIMIDEZ	TIMIDEI	AZIA	AZINHA
ZEBRA	ZARADA	AZUL	A
Frases ditadas:		Escrita do aluno:	
A ZEBRA QUEBROU O PÉ.		AZARAQUA O PÉ.	
O LIMÃO É AZEDO.		OLICÃOU É A ZEDO.	
NA FAZENDA TEM BOI, GALINHA E COELHO.		NAFAZEDATEM BOI, QALINHA E O E GOOL.	

Atividade do dia 24 / Setembro / 2013:

1) <u>bacalha</u> ^{bacalhau}	2) <u>palmeira</u> ^{palmeira}
3) <u>sol</u> ^e	4) <u>pical</u> ^{pica-pau}
5) <u>pulzeira</u> ^{pulzeira}	6) <u>berimbau</u> ^{berimbau}
7) <u>besouro</u> ^{besouro}	8) <u>roupa</u> ^{roupa}
9) <u>esmalte</u> ^{esmalte}	10) <u>astronauta</u> ^{astronauta}
11) <u>varal</u> ^{varal}	12) <u>automóvel</u> ^{automóvel}
13) <u>tesoura</u> ^{tesoura}	14) <u>caldeira</u> ^{caldeira}
15) <u>calça</u> ^{calça}	16) <u>calça</u> ^{calça}
17) <u>mel</u> ^e	18) <u>salsa</u> ^e
19) <u>formal</u> ^{formal}	20) <u>acelga</u> ^{acelga}

1) <u>abelha fez mel</u> A abelha fez mel.
2) <u>João o automóvel quebrou?</u> João o automóvel quebrou?
3) <u>Eu gosto de bacalhau no almoço!</u> Eu gosto de bacalhau no almoço!

Análise:

Palavras ditadas:	Escrita do aluno:	Palavras ditadas:	Escrita do aluno:
BACALHAU	BACALLHA	PALMEIRA	PATELMERA
SOL	SOL	PICA-PAU	PICAL
PULSEIRA	PULCERA	BERIMBAU	BERIBAL
BESOURO	BEZORO	ROUPA	ROPAL
ESMALTE	SEMALTE	ASTRONAUTA	ARONATAL
VARAL	VARAUL	AUTOMÓVEL	ATOLNOVE
TESOURA	TELRA	CALDEIRÃO	CALDERRA
CALÇANDO	CALSANO	CALÇA	CALUSA
MEL	MEL	SALSA	SALSA
JORNAL	JOLNAU	ACELGA	ALSELHA
Frases ditadas:		Escrita do aluno:	
A ABELHA FEZ MEL.		A ABELHA FEZE MEL.	
JOÃO, O AUTOMÓVEL QUEBROU?		GOEU O TONOLEQUERE?	
EU GOSTO DE BACALHAU NO ALMOÇO!		ELGOSITO DO ANOSO	

Questionário realizado para construir o perfil da turma e alunos com dificuldades de aprendizagem:

- 1) Quantos alunos compõe a turma? E quantos alunos possuem alguma dificuldade no processo de alfabetização?

A turma possui 24 alunos onde 6 deles possuem alguma dificuldade na aprendizagem no processo de alfabetização, leitura e escrita.

- 2) A escola oferece algum projeto ou atividade além das aulas diárias? Todos alunos participam?

Projeto tempo integral. Apenas 2 alunos da turma participam deste projeto, um dos alunos é indicado com dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização sendo este o motivo de participação no projeto. Há uma resistência de algumas famílias em deixar o filho(a) participar do projeto devido ao tempo que a criança permanece na escola para desenvolvê-lo.

- 3) Sobre os casos dos alunos com dificuldades de aprendizagem apontados, são realizadas reuniões com o corpo docente e direção para discutir esses casos?

Os casos são do conhecimento da direção da escola.

- 4) São realizadas intervenções preventivas e/ou para ajudar os alunos que possuem dificuldades de aprendizagem em sala de aula? Quais?

A prática com intervenções baseadas em mediações entre professor e alunos e alunos e seus próprios colegas, com o objetivo de proporcionar a motivação mútua entre as crianças. Estratégias como um aluno ajuda o outro aluno, posicionar a carteira dos alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem mais à frente e próximo ao quadro e à professora. A cada bimestre é realizada uma atividade com a proposta de diagnosticar todos os alunos com o objetivo de apurar os avanços e possíveis intervenções.

- 5) Algum aluno com dificuldades de aprendizagem recebe algum acompanhamento psicológico ou psicopedagógico na escola ou externo?

Nenhum aluno possui acompanhamento psicológico e o Estado não possui nem o serviço nem profissionais disponíveis para atendimento na escola.

- 6) Os alunos participaram de alguma avaliação externa neste ano letivo de 2013?
Qual/Quais?

Neste ano foram aplicadas à turma as avaliações PROALFA e ANA.

- 7) Há algum aluno indicado com dificuldades de aprendizagem que apresentou diagnóstico clínico?

Existe um diagnóstico clínico do aluno que apresenta uma deficiência motora nas mãos que dificulta o desenvolvimento pleno da escrita. Porém até então o diagnóstico nunca foi visto pela professora regente, mas somente comentado de sua existência. Esta lacuna é existente provavelmente devido à falta de supervisão na escola por um bom tempo o que dificultou discussões deste e outros casos mais especificamente relacionados à dificuldades de aprendizagem dos alunos.

- 8) Há alguma sugestão de como seria possível melhorar o rendimento desses alunos apontados com dificuldades de aprendizagem?

A possibilidade de um melhor desenvolvimento desses alunos seria através de um acompanhamento individualizado realizado pela escola com os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, disponibilizando um bom profissional para trabalhar em elaboração de estratégias e intervenções diárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cada criança possui um ritmo de aprendizagem que pode variar de acordo com sua realidade familiar, social, escolar e biológica, fatores que, dependendo do momento vivido, podem interferir no processo de alfabetização. Sendo assim, cada criança apresentará diferentes níveis de desenvolvimento nas atividades propostas pelos seus professores. Umas apresentarão habilidades para realizar rapidamente a atividade proposta, outras apresentarão mais dificuldades. Todavia, ambos os grupos são capazes de desenvolvê-las.

No caso do aluno Alberto, notamos seus avanços no processo de alfabetização, no que diz respeito ao eixo da análise linguística – apropriação do sistema alfabético. Na avaliação de março, Alberto identificava apenas letras e sílabas iniciais das palavras, no mês de agosto procurava analisar todos os sons que compõem as sílabas das palavras. Contudo, o aluno apresentava muitas trocas, omissões, inserções e inversões de letras, dificultando a leitura das palavras, gerando muita confusão. Em síntese, o aluno Alberto não pode ser considerado alfabetizado.

Na turma pesquisada, dos vinte e quatro alunos, seis apresentavam dificuldades de aprendizagem e não foram alfabetizados ao final do primeiro ciclo, demonstrando que uma parcela significativa das crianças da turma ainda não foram alfabetizados aos 8 anos. Então, podemos concluir questionando se 8 anos é a “idade certa” para todos os alunos se alfabetizarem diante as políticas públicas educacionais vigentes e a diversidade escolar.

REFERÊNCIAS

BATISTA, Antônio Augusto Gomes. *Capacidades da alfabetização*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFGM, 2005.

CASTANHEIRA, Maria Lúcia; SANTIAGO, Ana Lydia. Oralidade e escrita: dificuldades de ensino-aprendizagem na alfabetização. Salto para o futuro/TV Escola, 2004. www.tvebrasil.com.br/salto.

GOMES, Maria de Fátima Cardoso. Contextos de produção de sucesso-fracasso escolar: interações nas salas de aula. *Presença Pedagógica*. Belo Horizonte, nº. 65. set./out. 2005.

GRIFFO, Clénice. *Dificuldades de Aprendizagem na alfabetização: perspectivas do aprendiz*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação da UFGM, Belo Horizonte, 1996.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. *Elementos Conceituais e Metodológicos para Definição dos Direitos de Aprendizagem e Desenvolvimento do ciclo de Alfabetização (1º, 2º e 3º Anos) do Ensino Fundamental*. Brasília, dezembro/2012.

RESENDE, V. B. A produção do fracasso e do sucesso na alfabetização de crianças das camadas populares. **Dissertação** (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1994.

SHAYWITZ, Sally. *Entendendo a dislexia*: um novo e completo programa para todos os níveis de problemas de leitura. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SCOZ, Beatriz . *Psicopedagogia e realidade escolar: o problema escolar e de aprendizagem*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

SISTO, Fermino Fernandes; ZUCOLOTO, Karla Aparecida. Dificuldades de Aprendizagem em Escrita e Compreensão em Leitura. In. *Interação em Psicologia*, 2002, 6(2), p.157-166.

SISTO, F. F. Dificuldades na aprendizagem em escrita: Um instrumento de avaliação (ADAPE). In: F. F. Sisto, E. Boruchovitch, L. D. T. Fini, R. P. Brenelli & S. C. Martinelli (Orgs.), **Dificuldades de aprendizagem no contexto psicopedagógico** (pp. 190-213). Petrópolis, RJ: Vozes, 2001a.

SMITH, Corine, Strick, Lisa. *Dificuldades de aprendizagem de A a Z*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SHAYWITZ, Sally. *Entendendo a dislexia*. Tradução: Vinícius Figueira. Porto Alegre: Artmed, 2006.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1989.